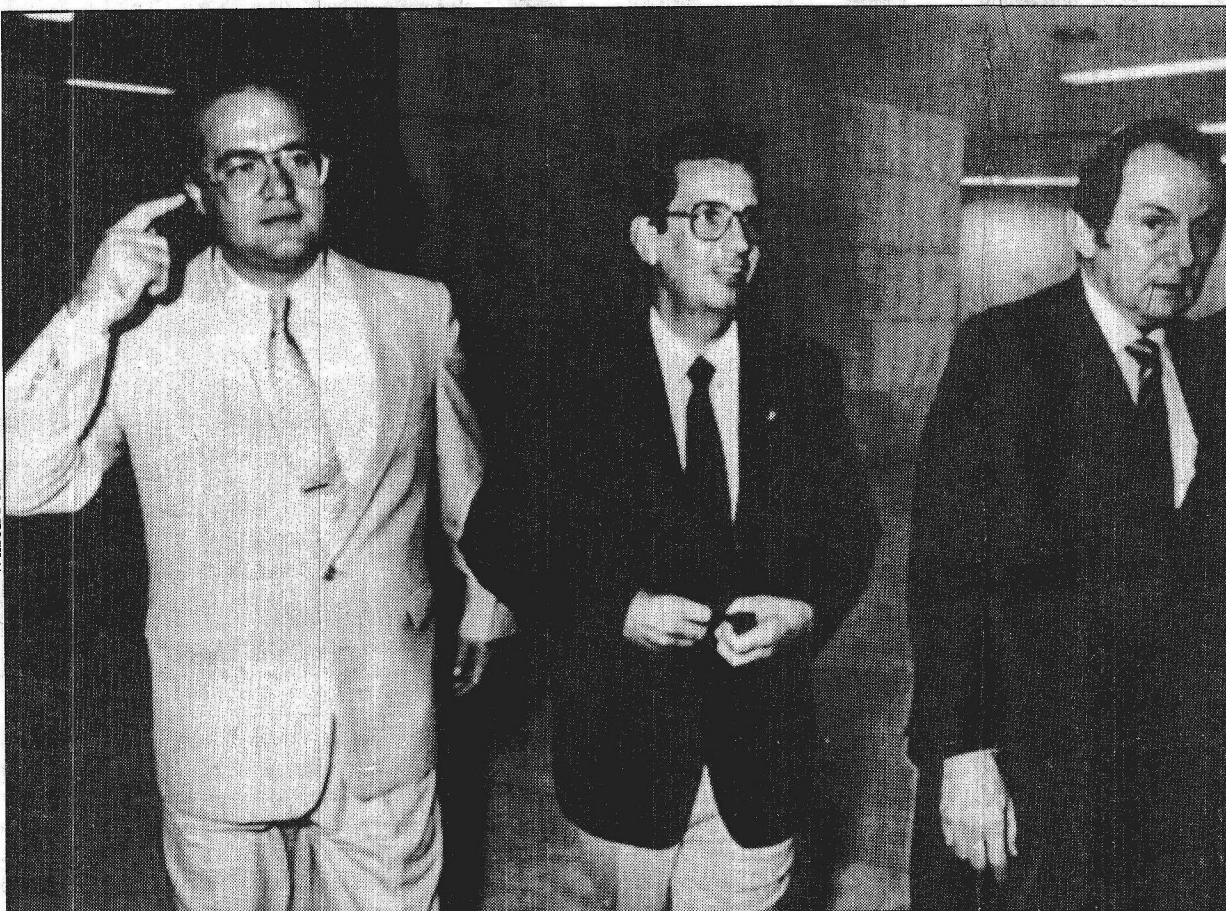


O tripé de sustentação de Collor no Congresso está definido: Carlos Chiarelli, líder do governo no Senado; Renan Calheiros, líder na Câmara. Ambos auxiliarão o articulador-mor, Bernardo Cabral.

Collor completa seu trio político no Congresso

O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) foi escolhido ontem pelo presidente eleito Fernando Collor de Mello como líder do governo no Senado. O cargo, porém, segundo o regimento interno do Senado, em vigor desde maio do ano passado, deixa de existir no dia da posse do futuro presidente, em 15 de março. O regimento acabou com a figura do líder do governo, criada pelo presidente José Sarney, mantendo apenas os líderes da maioria.

Wilson Pedrosa/AE



Renan, Chiarelli e Cabral, em busca da maioria pró-Collor.

Se quiser continuar como líder do governo depois de 15 de março, o senador Carlos Chiarelli precisa obter apoio de pelo menos 38 senadores (a maioria simples do Senado, e modificar o regimento. O senador, porém, não acha importante discutir no momento essas alterações: "O fundamental era definir um líder da bancada collorizada no Senado", disse Chiarelli, que por ser filiado ao PFL não pode ser indicado como líder do PRN, o partido do presidente Collor.

A indicação de Chiarelli foi anunciada pelo ministro da Justiça do novo governo, Bernardo Cabral, no segundo andar do "Bolo de Noiva", o prédio usado nos últimos dias pelo presidente e sua equipe. Cabral também anunciou que o deputado Renan Calheiros, líder do PRN na Câmara, será o líder do governo naquela Casa, fazendo parceria com Chiarelli dentro do Congresso.

Cabral disse que ele, Calheiros e Chiarelli, vão formar o "trio político" responsável pelos contatos e alianças políticas do governo Collor. O futuro ministro explicou que o presidente eleito decidiu escolher o trio antes de indicar novos ministros de sua equipe de governo para "demonstrar seu apreço à classe política".

Segundo Chiarelli, Collor escolheu seus articuladores políticos no Congresso antes de viajar para o Exterior porque só vai voltar ao Brasil em 13 de fevereiro, apenas dois dias antes do reinício das atividades normais do Legislativo. "Assim, dá tempo para irmos trabalhando", disse o senador.

As habilidades de articulador político de Chiarelli foram confirmadas na semana passada quando ele conseguiu realizar o encontro de Collor com o presidente do PSDB, o ex-governador Franco Montoro. A aproximação com a social-democracia dos tucanos era desejada há muito pelo novo presidente. Ao ganhar a liderança do governo, Chiarelli pode ter perdido a chance de ocupar um ministério. Nos últimos dias, ele foi um dos nomes citados para dirigir a Pasta do Trabalho.

O senador gaúcho afirmou que só soube do convite ontem de manhã, mas na tarde de segunda-feira passou muito tem-

po reunido em uma das salas do "bolo de noiva" com Renan Calheiros, enquanto Collor conversava com sua assessora econômica Zélia Cardoso de Mello.

Chiarelli disse estar em dúvida entre se candidatar a senador ou a deputado federal nas eleições de 3 de outubro. "Minha tendência é disputar o Senado", afirmou. Ele garantiu que Collor não lhe pediu para entrar no PRN. "Não penso em sair do PFL".

Bernardo Cabral, dizendo estar transmitindo uma mensagem de Collor, afirmou que Chiarelli foi escolhido porque o novo presidente quis "homenagear suas raízes gaúchas" — o avô materno de Collor, Lindolfo, era do Rio Grande do Sul. Outro motivo foi "reparar uma injustiça" sofrida por Chiarelli durante o governo José Sarney, ele foi destituído da liderança do PFL no Senado por influência direta do presidente da República. Chiarelli irritou o Planalto por dirigir a CPI da Corrupção.